ERA UMA VEZ UM RABISCO: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM LITERATURA E ARTE NA TURMA DO MATERNAL I

Luiza Gabriela Barbosa de Souza[1],
Laís Leni Oliveira Lima [2]

[1]Universidade Federal de Jataí/ luiza.barbosa@discente.ufj.edu.br
[2]Universidade Federal de Jataí / lais_lima@ufj.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta uma experiência de pesquisa-ação desenvolvida no Estágio Curricular Obrigatório I – Educação Infantil, em uma instituição pública municipal, com crianças do Maternal II. O trabalho parte da compreensão da literatura infantil como manifestação artística e como possibilidade de articulação com diferentes linguagens, especialmente as artes visuais, a música, a dança e o teatro. A proposta foi construída a partir de pesquisa bibliográfica e das observações realizadas no campo de estágio, nas quais se identificou a necessidade de ampliar as experiências artísticas das crianças para além de atividades de reprodução de modelos prontos. A intervenção foi organizada de forma intencional, tendo a literatura como eixo articulador de experiências de exploração das cores, pintura, música, movimento, dramatização e construção de objetos sonoros. Para a produção dos dados, foram considerados os registros da observação participante, as falas e manifestações das crianças, as produções realizadas durante as atividades e os registros descritivos do processo. A análise qualitativa e interpretativa desses materiais permitiu identificar formas de participação, expressão, imaginação, interação, experimentação e atribuição de sentidos pelas crianças. Os resultados indicam que a articulação entre literatura e diferentes linguagens artísticas favoreceu experiências estéticas e ampliou as possibilidades de expressão infantil, evidenciando a importância de propostas planejadas com intencionalidade pedagógica e centradas na participação das crianças.

Palavras-chave: Literatura infantil. Artes visuais. Música. Dança. Teatro. Educação Infantil.

Introdução

Este trabalho é resultado de projeto de pesquisa-ação, realizado educação infantil, em uma instituição pública municipal. Durante as observações realizadas entre abril e junho de 2025-I, na observação participativa do Estágio Curricular Obrigatório I – Educação infantil, no CMEI, foi possível notar que, muitas vezes, as atividades artísticas restringiam-se à reprodução de desenhos prontos, o que limitava o potencial criativo das crianças. Chaves (2015, p. 56). Em uma pesquisa realizada sobre os procedimentos didáticos em 32 núcleos de educação infantil, ela afirmou que, “Não raras vezes, alguns procedimentos são elabora dos em material mimeografado ou fotocopiado, nos quais caberá às crianças pintar os limites das ilustrações, conduta pedagógica com pouco ou nenhum sentido e significado para os escolares. Essa prática empobrece a experiência estética da criança e reduz seu potencial criativo e investigativo.

Segundo Carvalho (1983, p. 28), "a literatura infantil é uma forma de arte e, como tal, deve ser vivenciada como experiência estética”. A partir dessa perspectiva que este projeto

propôs a integração entre a literatura e diferentes linguagens artísticas, como via para experiências sensíveis e expressivas. Segundo Aquino (2012, p. 17), "o nascimento do leitor está vinculado às práticas sociais que reconhecem a criança como sujeito de linguagem e produtor de sentidos desde muito cedo". Assim, integrar a literatura às experiências com música, teatro, dança e artes visuais é reconhecer a criança como autora de sua expressão e saber.

De acordo com o Documento Curricular para Goiás (DC-GO), as experiências artísticas devem ser ofertadas com intencionalidade e planejamento, de modo a garantir a escuta ativa, a experimentação e a valorização das produções infantis. O DC-GO (Goiás, 2018), reforça que a arte e a literatura não são apenas estratégias pedagógicas, mas sim direitos da infância. Nesse sentido, o objetivo desse texto é apresentar o trabalho de pesquisa-ação realizado no Estágio Curricular Obrigatório I – Educação infantil.

Metodologia

A pesquisa desenvolvida possui abordagem qualitativa, pois buscou compreender os processos vivenciados pelas crianças durante as experiências propostas, considerando suas interações, falas, ações, escolhas, formas de participação e sentidos atribuídos às atividades. A opção pela abordagem qualitativa está relacionada à própria natureza do objeto investigado, uma vez que o interesse não esteve em quantificar resultados, mas em compreender como as crianças participaram das experiências de literatura e arte e quais possibilidades formativas emergiram desse processo.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram articuladas pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação. A pesquisa bibliográfica constituiu a base para a elaboração da proposta, por meio do levantamento e estudo de livros, artigos científicos e documentos oficiais relacionados à literatura infantil, à formação do leitor, à arte na Educação Infantil, às linguagens artísticas, ao desenvolvimento infantil e à mediação pedagógica. Essa etapa não foi realizada separadamente da intervenção: os estudos orientaram a definição dos objetivos, a escolha das obras literárias, dos materiais e das linguagens artísticas, bem como a organização das situações de aprendizagem.

Entre os principais referenciais estudados destacam-se Coelho (2000), Zilberman (2012), Aquino (2012), Barbosa (2010), Carvalho (1983), Oliveira (1993), Almeida e Faria (2022), além dos documentos: Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017) e Documento Curricular para Goiás – DC-GO (Goiás, 2018).

A pesquisa-ação foi compreendida como um processo em que observação, planejamento, intervenção, registro, análise e reflexão sobre a prática se relacionam continuamente. Nessa perspectiva, os dados produzidos no cotidiano do estágio não foram utilizados apenas para descrever as atividades, mas para analisar o que as crianças fizeram, disseram e produziram diante das propostas.

A pesquisa-ação, conforme Franco (2005), possui caráter eminentemente pedagógico e pressupõe a articulação entre reflexão e ação no contexto concreto em que os sujeitos participam. O público participante desta investigação foi constituído por crianças matriculadas no Maternal II da instituição campo de estágio, grupo que, durante as observações, demonstrou diferentes formas de participação, conhecimentos construídos nas experiências cotidianas, curiosidade diante dos materiais e interesse pelas propostas de exploração e criação. O processo de intervenção foi integrado à rotina da turma, respeitando seus tempos, relações e formas de participação.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados: a observação participante, realizada durante as atividades e interações; os registros descritivos e anotações do campo de estágio; as falas e manifestações das crianças durante as experiências; e as produções realizadas por elas, como desenhos, pinturas e objetos construídos coletivamente. Esses instrumentos permitiram acompanhar não somente o produto final das atividades, mas também o percurso de criação e as respostas das crianças às propostas. Para a análise dos dados, foi realizada uma leitura qualitativa e interpretativa dos registros, organizando as evidências em torno de aspectos diretamente relacionados aos objetivos da intervenção: participação e interação; exploração e experimentação; expressão por diferentes linguagens; imaginação e produção de sentidos; e ampliação do repertório artístico. A análise procurou relacionar essas evidências ao referencial teórico estudado, permitindo compreender em que medida as experiências planejadas favoreceram as possibilidades de expressão e aprendizagem das crianças.

Resultados e discussões

A Educação Infantil é compreendida como uma etapa da Educação Básica marcada pela valorização da criança como sujeito histórico, cultural e social, que aprende nas relações, nas brincadeiras e nas experiências concretas, simbólicas e sensíveis. Nesse contexto, a literatura infantil e as linguagens artísticas podem constituir importantes meios de expressão, comunicação, imaginação e produção de sentidos. A proposta desenvolvida neste estágio partiu justamente dessa compreensão: em vez de utilizar a literatura apenas para introduzir um

conteúdo, buscou-se fazer da obra literária um ponto de partida para experiências em que as crianças pudessem ouvir, imaginar, observar, criar, cantar, movimentar-se, experimentar materiais e produzir suas próprias formas de expressão.

A integração entre literatura e arte também responde à necessidade de reconhecer que as crianças não se expressam somente pela linguagem verbal. Elas produzem significados por meio de traços, cores, gestos, movimentos, sons, brincadeiras, dramatizações e interações. Barbosa (2010) contribui para compreender a arte como campo de conhecimento e expressão, no qual a criança precisa ter oportunidades de experimentar, criar e atribuir sentidos, enquanto a BNCC (Brasil, 2017) destaca, na Educação Infantil, a necessidade de garantir experiências relacionadas a diferentes formas de expressão. Desse modo, a intervenção foi planejada para que cada linguagem artística tivesse uma função no processo formativo: as artes visuais favoreceriam a exploração de cores, materiais e formas de criação; a música possibilitaria experimentar sons, ritmos e escuta; a dança ampliaria a expressão corporal; e o teatro favoreceria a imaginação, a representação e a interação. A literatura articulou essas experiências ao oferecer narrativas, personagens, imagens e situações capazes de provocar a imaginação e a criação infantil.

Infância, escola e a construção social da literatura infantil

A infância nem sempre foi compreendida como fase específica da vida humana. Historicamente, a criança era vista como um "adulto em miniatura", inserida no mundo adulto sem distinções claras entre as experiências infantis e adultas. Essa concepção começou a mudar com o surgimento da modernidade e com transformações sociais e culturais que redefiniram o papel da criança na sociedade. Nesse sentido, Ariès (1981) contribui ao demonstrar que a infância é uma construção social, e não uma realidade fixa e universal.

Ao analisar a relação entre infância e escolarização, Almeida e Faria (2022) explicam que o conceito moderno de infância se fortaleceu principalmente a partir do século XVIII, quando a sociedade passou a reconhecer a criança como ser em desenvolvimento, que necessita de formação específica. Tal mudança impulsionou o surgimento de instituições educativas voltadas para esse público e, consequentemente, a produção de obras literárias direcionadas às crianças.

Zilberman (2012) evidencia que os primeiros livros infantis surgiram em um contexto no qual a infância passou a ser valorizada e também controlada. Para a autora, a literatura infantil nasceu ligada a interesses educativos e moralizantes, o que reforçou sua associação com

a escola. A autora afirma:

> Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a 'infância'. [...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à Idade Moderna. (Zilberman, 2012, p. 34).

Nesse sentido, compreendemos que literatura infantil e escola se desenvolveram de forma interdependente, compartilhando objetivos voltados para a formação humana. Entretanto, essa relação também trouxe contradições, especialmente quando a literatura passou a ser utilizada apenas como instrumento pedagógico, perdendo seu caráter artístico e estético.

Almeida e Faria (2022) afirma que a escola tem papel decisivo na formação do leitor literário, pois muitas crianças têm contato com livros apenas no ambiente escolar. Desse modo, torna-se necessário discutir que tipo de literatura chega às crianças e de que forma ela é mediada.

A literatura infantil não deve ser compreendida como uma produção inferior ou simplificada, mas como manifestação artística, capaz de provocar emoções, ampliar repertórios e favorecer o desenvolvimento simbólico. Nesse sentido, a literatura contribui para a humanização, pois possibilita à criança entrar em contato com diferentes mundos, realidades e perspectivas.

A concepção de literatura como direito é amplamente discutida por Candido (2011), quando afirma que a literatura é indispensável ao equilíbrio humano, pois alimenta a sensibilidade e a imaginação. Na mesma direção, Almeida e Faria (2022) reforçam que a leitura literária promove emancipação e amplia o capital cultural do sujeito, funcionando como instrumento de inserção social.

Coelho (2000) reforça que a literatura infantil não é apenas recurso didático, mas arte carregada de sentidos, capaz de articular imaginação e realidade. Almeida e Faria (2022) destacam a definição da autora: "Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização." (Coelho, 2000, p. 9).

Essa perspectiva reafirma que o contato com obras literárias deve ocorrer desde cedo, não apenas para "ensinar" algo, mas para formar a criança em sua sensibilidade, criatividade e capacidade interpretativa.

Carvalho (1983) defende que a literatura infantil deve ser compreendida como produção literária e artística, e não como mero recurso moralizante ou utilitário. Essa compreensão é fundamental para o presente trabalho porque permite reconhecer a obra literária como experiência que pode desencadear outras formas de expressão. Ao ouvir uma história, a criança pode imaginar personagens e situações; ao observar suas imagens, pode criar interpretações; ao relacionar a narrativa às cores, pode pintar; ao perceber ritmos e sons, pode cantar e movimentar-se; e, ao representar personagens e acontecimentos, pode utilizar elementos do teatro. Assim, literatura, artes visuais, música, dança e teatro não aparecem como atividades isoladas, mas como linguagens que podem dialogar em torno de uma mesma experiência estética.

A proposta de intervenção foi, portanto, organizada com intencionalidade pedagógica. Na experiência com Bom Dia, Todas as Cores, de Ruth Rocha, o objetivo foi ampliar a percepção e o repertório das crianças sobre as cores, favorecer a exploração e a mistura de tintas e possibilitar que cada criança utilizasse a pintura para representar algo significativo de sua experiência. A literatura foi utilizada como eixo para dar sentido imaginativo à exploração das cores, e não apenas como uma história apresentada antes da atividade. Na experiência com Festa no Céu, o objetivo foi aproximar as crianças da música e da expressão corporal, favorecer a escuta, a participação, a exploração de sons e a criação coletiva, utilizando a narrativa como ponto de partida para cantar, dançar, explorar o violão, brincar com personagens e construir um instrumento musical. Em ambas as situações, a intencionalidade esteve relacionada ao desenvolvimento de possibilidades de expressão, interação, imaginação, experimentação e produção de sentidos.

As crianças pintam, experimentam e se divertem: experiências com as cores no Maternal II

A primeira experiência foi desenvolvida a partir da exploração das cores e da pintura. Inicialmente, buscamos conversar com as crianças sobre as cores, procurando compreender o que elas já sabiam e quais conhecimentos possuíam sobre o tema. Perguntamos onde encontrávamos as cores e quais cores elas conheciam, e, desde esse primeiro momento, foi possível perceber que as crianças já possuíam uma bagagem significativa de conhecimentos construída a partir de suas vivências cotidianas. Elas participaram ativamente da conversa, identificando cores presentes em diferentes objetos e espaços e compartilhando suas próprias descobertas.

Para tornar essa experiência ainda mais concreta e significativa, realizamos um passeio pelos diferentes espaços da escola. Durante o percurso, as crianças foram incentivadas a observar atentamente o ambiente e identificar as cores presentes ao seu redor. A proposta permitiu que elas percebessem que as cores não estavam presentes apenas nos materiais utilizados em sala de aula, como lápis e tintas, mas faziam parte dos espaços que frequentavam diariamente: das paredes, dos brinquedos, das plantas, das roupas e de tantos outros elementos presentes no ambiente escolar. Esse momento foi especialmente rico porque transformou o próprio espaço da escola em possibilidade de aprendizagem, convidando as crianças a observar aquilo que, muitas vezes, poderia passar despercebido em sua rotina.

Ao retornarmos para a sala, propusemos uma nova experiência: a transformação e a criação de cores por meio de misturas. Antes mesmo de iniciar a produção artística, realizamos coletivamente experiências com as tintas, permitindo que as crianças observassem como novas cores poderiam surgir a partir da mistura de outras. Esse momento despertou muita curiosidade e entusiasmo. As crianças acompanhavam atentamente as transformações e demonstravam surpresa ao perceberem que, ao misturar determinadas cores, outras tonalidades apareciam. Mais do que apresentar quais seriam as cores resultantes, o objetivo era possibilitar que elas experimentassem e percebessem, por si mesmas, que a arte também pode ser descoberta por meio da experimentação.

Após esse primeiro contato com as misturas, apresentamos às crianças a obra *Bom Dia Todas as Cores*, de Ruth Rocha. A história foi contada de maneira lúdica, utilizando recursos confeccionados para a narrativa, como palitoches, que despertaram imediatamente o interesse da turma. As crianças demonstraram grande envolvimento com a contação, interagindo com os personagens e acompanhando atentamente o desenvolvimento da história. Ao término, também tiveram a oportunidade de manusear os materiais utilizados, explorando-os com cuidado e observando suas cores, formas e texturas.

A utilização da literatura naquele momento contribuiu para ampliar a experiência com as cores, pois a história permitiu que o tema fosse explorado de maneira imaginativa e significativa. A proposta não se limitou à identificação ou à nomeação das cores, mas buscou criar uma experiência em que literatura, brincadeira e arte se encontrassem. A participação das crianças durante a narrativa demonstrou o quanto os recursos lúdicos podem favorecer seu envolvimento e sua curiosidade, especialmente quando lhes é permitido participar ativamente da experiência.

Posteriormente, a atividade foi realizada em um espaço externo da escola. De forma

organizada, nos dirigimos ao parquinho e a uma área ao ar livre, levando papéis e diferentes cores para que as crianças pudessem criar livremente. Nesse momento, propusemos que pensassem em seu lugar preferido e o representassem por meio do desenho e da pintura. A orientação principal era que elas tivessem liberdade para experimentar, desenhar, colorir e, principalmente, misturar as cores, retomando aquilo que havíamos explorado anteriormente.

A experiência foi marcada pela curiosidade e pelo envolvimento das crianças. Cada uma encontrou sua própria maneira de utilizar os materiais e representar aquilo que havia escolhido desenhar. Algumas misturavam as tintas para descobrir novas tonalidades, outras demonstravam interesse em determinadas cores e todas, à sua maneira, construíam suas produções. O mais importante naquele momento não era alcançar um desenho considerado "bonito" a partir de critérios adultos, mas garantir que as crianças tivessem espaço para criar e expressar suas ideias.

Foi justamente durante a observação das produções e das conversas com as crianças que percebemos, de maneira mais evidente, os sentidos presentes em suas experiências. Para alguém que olhasse aqueles desenhos de fora, sem conhecer o processo e sem se dispor a escutar as crianças, algumas produções poderiam ser interpretadas simplesmente como rabiscos. No entanto, ao perguntar sobre seus desenhos, descobrimos mundos inteiros presentes naquelas marcas e cores. Esse dado foi considerado na análise porque demonstrou a importância de escutar a criança e de compreender sua produção a partir do processo em que foi construída.

Durante as conversas, perguntávamos, por exemplo: "Que cor você usou?", "Nossa, que cor bonita! Você misturou as cores para chegar nela?" ou "O que você desenhou aqui?". As crianças respondiam e explicavam suas produções, contando qual era o lugar representado, quais cores haviam utilizado e como haviam chegado a determinada tonalidade. Elas sabiam falar sobre aquilo que haviam criado porque suas produções possuíam significados que pertenciam às suas próprias experiências e imaginação.

Esse momento também se tornou uma importante forma de avaliação da atividade. Mais do que verificar se as crianças seriam capazes de repetir o nome de determinada cor, foi possível perceber a aprendizagem por meio de suas falas, escolhas e ações. Ao explicarem que haviam misturado cores para criar outras, ao identificarem tonalidades e ao relacionarem seus desenhos a lugares significativos para elas, demonstravam que haviam participado ativamente de todo o processo. A experiência reforçou a importância de olhar para a produção infantil para além do resultado final, compreendendo o processo de criação como parte fundamental da aprendizagem.

Assim, essa primeira intervenção foi uma experiência de descoberta e expressão. As crianças pintaram, experimentaram, misturaram cores e se divertiram, mas, principalmente, tiveram a oportunidade de criar sem que suas produções precisassem seguir um modelo pronto ou alcançar um resultado previamente determinado. Vivenciar esse momento nos possibilitou refletir sobre a necessidade de valorizar aquilo que a criança produz e, sobretudo, de aprender a escutá-la. Por trás de cada traço, de cada cor e até mesmo daquilo que, aos olhos adultos, poderia parecer apenas um rabisco, existia uma intenção, uma descoberta e uma história que as próprias crianças estavam prontas para contar.

Entre histórias, música e descobertas: uma experiência musical com o Maternal II

A segunda experiência aqui relatada foi desenvolvida em um dos últimos encontros da intervenção com as crianças do Maternal II e teve como foco principal a exploração da música, da literatura e da construção de um instrumento musical. Por já estar nos momentos finais do estágio, essa atividade também carregava, um significado especial, pois acontecia após um percurso de convivência e intervenções que havia permitido conhecer melhor as crianças, suas formas de participação e seus interesses.

Ao longo de todo o processo de intervenção, procuramos compreender que estar na sala como estagiária não significava interromper ou substituir a rotina já construída pelas crianças e pela professora. Pelo contrário, uma preocupação presente em nossas intervenções era integrar-nos à rotina da turma, respeitando a organização e a dinâmica daquele grupo. Dessa forma, no início da atividade, realizamos o acolhimento junto às crianças e participamos dos momentos que já faziam parte de seu cotidiano, para que a intervenção pudesse acontecer de maneira integrada à experiência delas na escola.

Após esse momento inicial, apresentamos o violão à turma. O instrumento despertou imediatamente a curiosidade das crianças, que observaram sua forma, suas cordas e os sons que poderiam ser produzidos. Entretanto, antes de iniciarmos a exploração musical propriamente dita, realizamos a contação da história *Festa no Céu*. Para tornar a narrativa mais envolvente, utilizamos diferentes recursos, entre eles o próprio violão e um fantoche de sapo, que contribuíram para dar vida à história e despertar a imaginação das crianças.

A contação aconteceu de forma lúdica e participativa. As crianças acompanhavam a narrativa, observavam os personagens e reagiam aos acontecimentos da história. A utilização do fantoche possibilitou uma aproximação ainda maior com a narrativa, pois o personagem parecia ganhar vida diante delas. Além disso, o violão, que posteriormente seria explorado

como instrumento musical, já estava presente naquele momento como parte da construção da experiência.

Depois da contação, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer e manusear os livros, observando as imagens e retomando, à sua maneira, elementos da história que havia sido apresentada. Consideramos esse momento importante porque o livro não permaneceu apenas como um objeto utilizado pela professora ou pela estagiária durante a narrativa. As próprias crianças puderam aproximar-se dele, folheá-lo e estabelecer outras relações com a história por meio das imagens e de suas observações.

Em seguida, iniciamos um momento de exploração musical. Com o violão, cantamos músicas de forma divertida e participativa. As crianças acompanhavam as canções, cantavam, movimentavam-se e expressavam corporalmente aquilo que a música despertava. Houve espaço também para uma pequena dança, realizada de maneira espontânea e descontraída, permitindo que o corpo acompanhasse os sons e ritmos. Esse momento foi especialmente significativo, pois a música não foi apresentada apenas como algo a ser escutado. As crianças puderam participar dela com a voz, com os gestos, com os movimentos e com sua própria alegria. A intencionalidade dessa etapa foi possibilitar que as crianças experimentassem a música enquanto linguagem artística e com diferentes formas de participação: pela escuta, pela voz, pelo gesto e pelo movimento.

A experiência evidenciou como diferentes linguagens podem se encontrar em uma mesma proposta. A literatura introduziu a narrativa e despertou a imaginação; o fantoche favoreceu a brincadeira e a interação; o violão possibilitou o contato com diferentes sons; e a dança permitiu que o corpo também participasse da experiência musical. Dessa forma, a atividade não se restringiu a ensinar uma canção ou apresentar um instrumento, mas buscou criar um ambiente em que as crianças pudessem sentir, experimentar e expressar-se.

Posteriormente, realizamos a construção coletiva de um instrumento musical utilizando materiais recicláveis. A proposta despertou novamente o interesse da turma, pois as crianças puderam participar ativamente da criação. Os materiais que poderiam ser descartados ganharam novos significados e se transformaram em possibilidades de produção sonora. O processo de construção foi vivido coletivamente, permitindo que as crianças acompanhassem a transformação dos materiais em um instrumento que posteriormente poderia ser utilizado por elas.

A reação das crianças durante essa atividade foi extremamente positiva. Assim como nas demais intervenções realizadas durante o estágio, houve grande participação do grupo. Uma

característica que marcou nossas experiências foi justamente o envolvimento das crianças nas propostas. Não enfrentamos situações em que alguma criança se recusasse a participar das atividades, o que tornou o processo ainda mais significativo para nós. Evidentemente, cada criança participou à sua maneira e dentro de suas próprias possibilidades, mas todas demonstraram interesse e encontraram formas de se envolver com aquilo que estava sendo proposto.

Essa participação nos fez perceber que, quando a criança é convidada a experimentar, tocar, criar, movimentar-se e participar ativamente, a aprendizagem pode tornar-se uma experiência muito mais significativa. Naquele encontro, as crianças não apenas ouviram uma história ou cantaram músicas: elas observaram, imaginaram, manusearam livros, exploraram o violão, cantaram, dançaram e participaram da construção de um instrumento musical.

Considerações finais

Como estagiária, essa experiência foi especialmente enriquecedora por reforçar a importância de oferecer às crianças propostas que valorizem diferentes formas de expressão. Muitas vezes, ao pensar em atividades para a educação infantil, existe o risco de privilegiar apenas um produto final. No entanto, nas experiências, o processo foi tão importante quanto qualquer resultado. A curiosidade diante do violão, a atenção durante a história, os movimentos durante a dança, as descobertas produzidas pelos sons e o entusiasmo na construção do instrumento, as pinturas, foram elementos que deram sentido às diferentes atividades realizadas nas intervenções do estágio.

Ao relembrar os diferentes encontros, percebemos que eles sintetizam algo muito importante de todo o percurso vivido durante a materialização de nosso projeto de estágio: as crianças aprendem também quando brincam, experimentam, imaginam e têm a oportunidade de participar. A música, a dança, a literatura e a construção com materiais recicláveis se uniram em uma experiência marcada pela alegria e pelo envolvimento coletivo. Como futura pedagoga, permaneceram não apenas os registros de uma atividade realizada, mas a certeza de que proporcionar experiências significativas às crianças exige, além de tudo, reconhecê-las como participantes ativas, criativas e capazes de atribuir sentidos próprios àquilo que vivem.

Termos de uso de Inteligência Artificial Generativa

Neste trabalho foram utilizadas as seguintes ferramentas de Inteligência Artificial Generativa. Gemini, como apoio, especialmente para fins de revisão textual

Referências

ALMEIDA, Débora Rodrigues de; FARIA, Vivianne Fleury de. **Infância, escola e literatura infantil**. Cidade de Goiás, v. 4, n. 1, p. 155-170, jul. 2022.

AQUINO, Kênia Adriana de. **O nascimento do leitor**: literatura infantil, mediação e formação de leitores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br Acesso em: 25 set. 2026.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Literatura infantil**: história, teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1983.

CADEMARTORI, Lígia Magalhães. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAVES, Marta. Práticas pedagógicas na educação infantil: contribuições da teoria histórico-cultural. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 56-60, jan.-abr. 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FRANCO. Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/abstract/?lang=pt Acesso em: 25 set. 2026.

GOIÁS. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte / UNDIME. **Documento Curricular para Goiás (DC-GO):** Volume I: Educação Infantil. Goiânia: SEDUCE, 2018. Disponível em /basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/go_curriculo_goias.pdf. Acesso em: 25 set. 2026.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2012.